

Armando a véla

(Pova de Varzim)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes) . .	1\$200
» » (3 mezes) . .	600

Sendo a cobrança feita pelo correio,
acresce o importe das despesas.

Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Numero avulso	60



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



PROPRIETARIO E REDACTOR PRINCIPAL — Joaquim Antonio Pereira Villela.

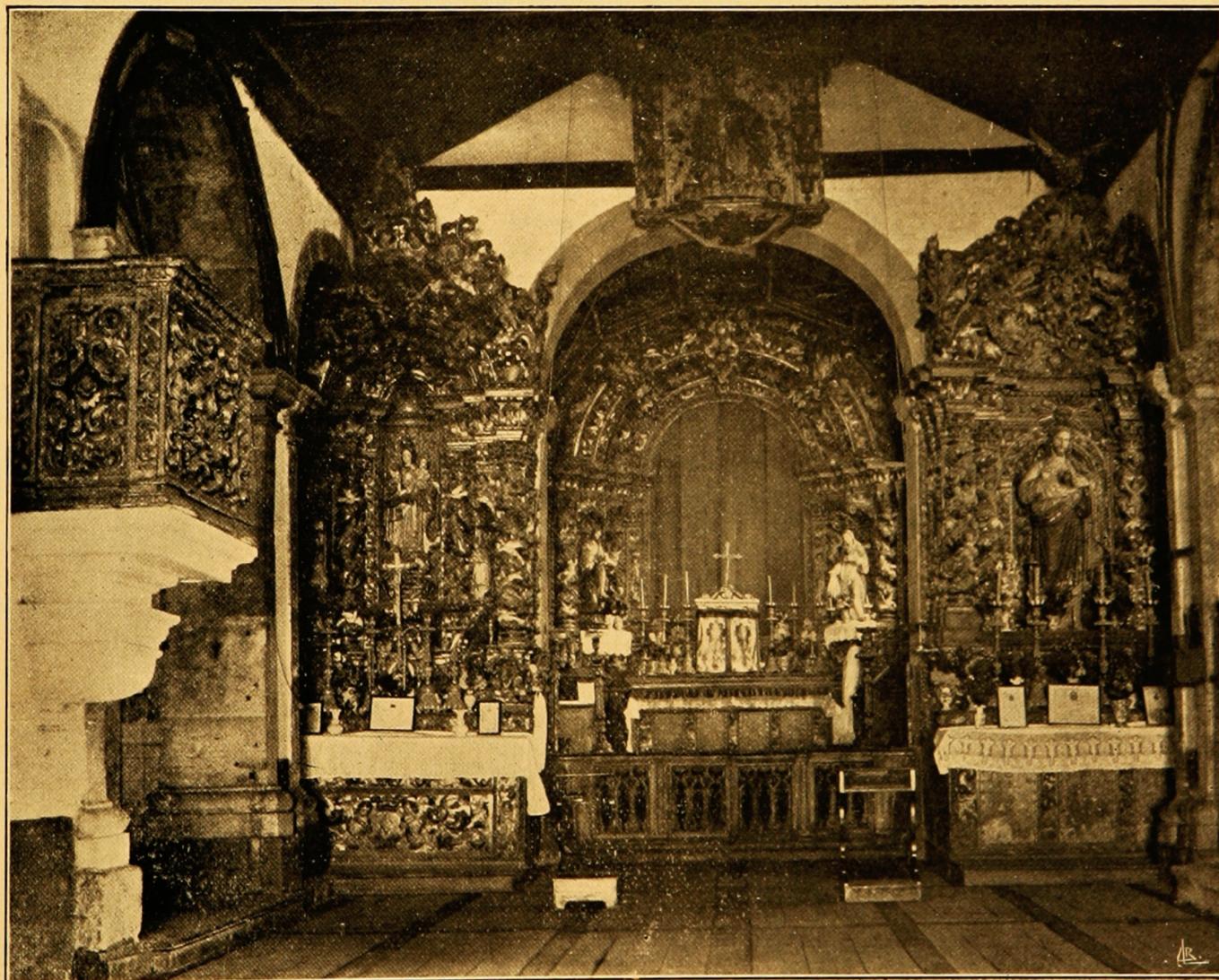
EDITOR
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 23 de agosto de 1913

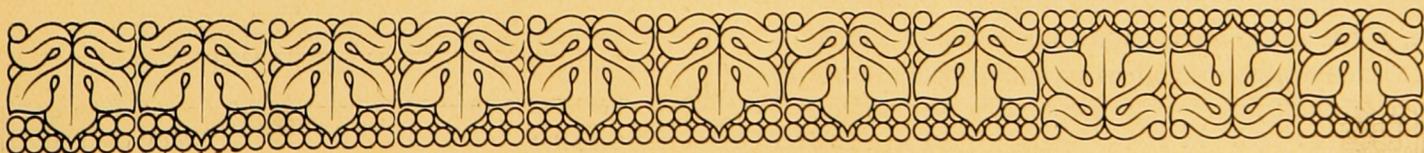
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
(Antiga R. da Rainha—Braga)

Numero 8 — Anno I



PONTE DO LIMA—Capella-mór da igreja parochial de S. João da Ribeira

(Cliché do rev. Joaquim Maciel.)



COMEÇA a debandada para as praias...

A' bilheteira das estações surge agora o banhista cheio de embrulhos, o lenço atado ao pescoço, impacientando o empregado com perguntas e trocas de dinheiro, e os comboyos despejam nas gares das estancias balneares a sociedade que se vae divertir... e descansar do muito que trabalhou durante o anno: a espoza, os filhos, as primas, as malas, o gato, o canario, a sopeira—que não falte nada, vejam lá!...

E horas depois já toda esta gente se espaneja e fervilha, notando a animação da colonia, a estada do vizinho e a braveza do mar.

Não gastemos tempo com resabidas descrições das *toilettes* claras, dos *flirts* levianos, d'aquella matrona a seccar os cabellos de ondina macrobia á torreira do sol matinal, do illustre deputado que faz o proprio elogio entre libações capitosas de aguardente, d'aquel'outro *dandy* que passa o dia a pavonear o verniz percuciente dos sapatos á porta do café, dos bebés que brincam todo o dia, sobre a areia, n'uma grazinada alegre como a luz, quebrando o rumor querulo das vagas que aljofram de rendilhada espuma a alcatifa das dunas...

Afinal, são ellas, as creanças quem mais aproveita com as deslocações d'esta onda nomada...

«Emenez vos enfants vers les grèves lointaines,
ou les tïedes zephirs dispensent leurs halaines.»

Hoje, a vida das nossas praias perdeu já aquelle á *vontade* necessario aos labores assiduos de tantos mezes. Os requintes da distração, a barateza das viagens, prevertendo a sensibilidade artistica, trouxeram-lhes todo o ficticio bocejante da vida urbana.

As villegiaturas solitarias, d'uma paz errante, com sonhos de poesia, e uma elegancia leve e atrahente; as praias dos lobos do mar, a narrarem ás creanças a nostalgia de velhas lendas, nevoadas como o céo; dos sedentos de horizontes limpos e serenos, de mysteriosas mattas, de alfombras meigas e luz benefica—tudo isto desceu a phraseado de romance, que ninguem lê.

A vida das praias é hoje um vasto campo de anatomia, tanto ou mais fertil que a vida cidadina, porque ali, á sombra das barracas á hora critica do banho; de tarde, sob os toldes; depois, á noite, na atmospheria viciada do café, onde uma orchestra vae ganindo os trechos musicaes da ultima revista de sensação—cada qual se mostra como é, n'um realismo cruel e indiscreto...

Por isso alguém me dizia que na verdade, a humanidade era mais feia no mar, do que em outra parte qualquer...

Nem mesmo falta aquelle typo admiravel que Fialho definiu, o Magalhães Lima da praia a perorar, n'um grupo de republicanos—escaravelhos.

Encontramol-o o anno passado, trajando o do-

minó das heroicidades, e silvando taes anathemas contra o passado que poude vangloriar-se de haver tornado a convivencia de verão insuportavel. Avivava-se nos casinos—tomem cuidado com a lingua!—a eminente invasão das botifarras d'um carbonario perigoso, o boato escoava dos labios das damas—isto agora é certo, D. Maria!—e a desconfiança, a irritabilidade verminavam a pacatez frivola dos banhistas. Terras houve que por excitarem a arguta vigilancia das auctoridades e da espionagem, rondando á vontade por todo o paiz, lograram alcançar a ominosissima alcunha de *thalassas* e ficaram inscriptas nos canhenhos tenebrosos dos Fouquier da republica.

Não sei se no corrente anno a mesma intranquillidade as agita.

Se assim fôr, preferivel parece ermar n'um asceterio, procurando na tristeza dos logares inacessiveis a taes perturbações, o almejado repouzo, ou então fazer como aquelle jovialissimo commendador que cerrou as portas e as janellas, desapareceu das ruas e dos centros de cavaqueira amena, durante o mez de veraneio, e mandou para as gazetas a noticia de que partira para Cascaes com sua excellentissima familia; ou ainda como aquell'outro luminosissimo e previdente cidadão, aconselhado a tomar aguas ferreas, que optou por metter um ferro d'arado na cisterna, e gorgollejar-lhe as aguas deliciado com as manifestas melhoras, que sentia, e a inestimavel vantagem economica!

Lá para fins de setembro accode o povoleu das aldeias, e á miseria galante succede a sordida miseria dos camponios. Ficam ás vezes dez e doze n'uma saleta exigua onde jantam, cozinham e dormem, amaltados. A' noite, desbordam pelas ruas illuminadas, como phalenas para a sedução da luz, assomam os carões ás portas, espreitando, ouvindo enlevados as desharmonias dos violinos, sublinhando de facecias o torpe saracoteio de dançarinas que garganteiam em calão hespanhol umas seguidilhas escabrosas...

Que importa! é preciso passar o tempo... ser *banhista*... embora haja no segundo andar um aprendiz de rabeça e no terceiro um poetastro em delirios...

Ir á missa aos domingos?... Só por desfastio!... Rezar? Mas são horas de ir para o casino para não faltar á primeira walsa...

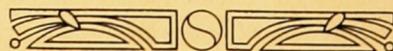
... Um dia, o chefe de familia proclama aos parentes, gravemente, que o seu orçamento não tem *superavit* e que é forçoso volver aos sacros penates...

Conheço um brasileiro cheio de ingenuidade e de anneis, que inevitavelmente me communica todos os annos, ao regressar da Povoá de Varzim:

—Pois amigo! A dyspésia mi desappareceu... mi diverti á grande, hein?... E afinal só perdi cinco tóstões ao dominó!...

E é um homem feliz, ora vejam lá!...

F. V.



FIGURAS DA BEIRA

I

**D. Antonio Thomaz da Silva Leitão e Castro,
Bispo de Lamego**



ORREU, pouco depois, que D. Antonio Thomaz fôra, na India e na Africa, um vulto primacial. Prégador eminente, missionario glorioso, e ainda diplomata superior, como o tinham reconhecido em Roma e Londres onde tratára do Padroado do Oriente, o grande Prelado vinha, cheio de louros e de pelejas, arruinado de saude, e ainda com menos de cinquenta annos de idade, esconder-se nas serranias da Beira, mas para trabalhar e abnegar-se sempre.



Dr. Cassiano Pinto das Neves

E começaram a conhecê-lo todos os infelizes, e até os que exploram a caridade singela. E todos os curas d'almas da diocese o começaram a amar e a venerar. E, emfim, os politicos, espantados com aquella desambição radiosa, não o assediaram com pedidos, rodearam-no de tanta consideração e estima, que nem lhe pediram — coisa rara! — uma reprimenda ao abbade Fulano por ser progressista, ou ao reitor de Almacave por ser suspeito de regenerador.

*

Ouvindo tudo isto, eu... eu encavaquei. Diz-m'ô frequentemente o dr. Cassiano Neves meu querido e infeliz amigo, pae do medico lisbonense e antigo deputado do mesmo nome. Aquelle illustre advogado e publicista adorava D. Antonio Thomaz tanto... que nunca lhe fallava em politica, temendo offendê-lo. Era todos os dias: — *Você não imagina que grande talento, que extraordinario saber, que peregrino coração e modelar caracter! E, depois, que sincero amor a Lamego! Parece nosso conterraneo, dos melhores, dos mais dedicados.*

Eu resmungava: — *Sim, mas é bispo, e com fama de franciscano!*

Um dia, o Bispo escreveu a José Menezes, proprietario da typographia onde eu fazia imprimir a minha terrível gazeta. Era a perguntar-lhe por quanto lhe imprimia um livro. Menezes ficou duplamente radiante. A carta era affectuosa e simples. Os seus prelos iam dar a lume o livro d'um bispo. Mostrou-

me a carta, cofiando o bigode immenso. Li-a, meditei-a e voltei-lhe as costas. Estava positivamente encavacado.

Veio o original do livro. Lettra artistica, mas franca. Linguados que pareciam de neve; dentro em pouco, vieram as provas. Interessei-me por ellas. Ajudei á revisão. E, volvidas semanas, escreve-me D. Antonio Thomaz. Agradecia-me o auxilio, e pedia-me que lhe batesse ao ferrolho, quando passasse pelo Rocio, deante do Paço.

Eu?!... E desatei a rir, com muito espanto do sólido Menezes. Eu?!... E fui lá logo á tarde.

Toquei á campainha. Abriu-me a porta o mesmo D. Antonio Thomaz. Apertou-me a mão e acompanhou-me singelamente ao escriptorio. Fez-me sentar, e sentou-se. Mandou-me servir café, que tomei com frequencia, e disse-me do seu reconhecimento e sympathia. Voltei lá muitas vezes. Fallava-me da India, da Africa, da fé religiosa, da grandeza de Pasteur, da genialidade de S. Francisco d'Assis. Eu resmungava, balbuciava, e elle accudia sempre: — *Não se torture. A fé ha-de visitá-lo. Creia que, seja como fôr, sou seu verdadeiro amigo.*

*

Amigo, e que amigo! Encontrava-o em tudo, nas maiores abnegações. Colhia d'elle muita da luz de hoje, vendo, desde S. Thomaz a Kant, a philosophia em todas as suas escolas e seitas, aprendendo a conhecer Comte, Littré e Stuart-Mill. Ao mesmo tempo, era a historia, era a arte, oriental e occidental, eram costumes, caracteres ethnicos, maravilhas do mundo que elle via com profundeza e serenidade. E, depois, litteratura, versos classicos, epopeias da Asia, paginas de patriarchas do velho continente e reptos de Bossuet e Bourdaloue. Emfim, eram notas joviaes e commovidas das suas missões, da sua infancia, dos seus passeios a Cintra, dos seus sermões timidos, e um tal abrir do coração adoravel, que eu, ao rezar á noite por meu Padrinho, tambem rezei por elle, que ia cahindo, cheio de febre, *mas sempre de pé*, dirigindo o culto, sorrindo, prégando, escrevendo, esgotando a congrua e todos os recursos em esmolos a pobres, em subsidios a sanctuarios como o da Lapa, e em obras no paço.



Antonio Augusto da Fonseca e Aragão
(Tenente-coronel)

Até que, n'um dia de junho, fui dizer-lhe que partia para o Porto onde ia tentar fortuna.

Fitou-me com olhos humidos, mas alentou-me.



— Vá, disse n'uma voz branda, mas... lembre-se de que em toda a parte os homens são os mesmos!

*

Mezes depois, expirava, cercado de bençãos e lagrimas de saudade, tranquillo e pacifico, incomparavel de luz espirital. Mas nunca deixei de o ver. Tem-me acompanhado sempre. Nunca me abandonou, nem quando, engolphado em Lisboa, pretendi inculcar-me materialista de ferro.

A elle devo — penso-o e sinto-o — muito da minha obscura conversão. Por isso, o tenho todos os dias deante dos olhos. E' que a cada passo o levanta o meu coração como um dos seus maiores aleptos, como uma das suas melhores saudades, como um puro reflexo da vida de sempre.

JOSÉ AGOSTINHO.

A litteratura ao serviço do bem



PRETENDER regular pela vida e costumes da Edade Media, os costumes e a vida de esta sociedade presente onde a electricidade é já banal... seria inconcebivel dislate e monumental insensatez. Vem isto a proposito... de coisa nenhuma, mas ainda em risco de tornar-me aborrecido não quero deixar de citar um facto recente que me consolou, e me deu pena. Consolou-me, por ser nobre; deu-me pena, por não ser portuguez.

Mas antes, duas palavras de introdução. Innegavel, como a luz meridiana, é o facto de que o theatro e o romance entrou já nos habitos portuguezes, como de toda a gente civilizada. Mas theatro e romance são protervia e aberração de Satanaz, maligna epidemia e mortal toxico espalhado sobre a nossa sociedade. Dizem-no com galanteria de estylo e correcção de phrase os zelosos, que a honra de Deus almejam defender.

Mas é errada tactica e perdido ataque. Com elle só se conseguirá, que uma ou outra religiosa familia não transija com o mal. Podia conseguir-se mais e melhor, escrevendo bons romances e boas peças theatraes.

O theatro hespanhol tinha-se ultimamente arrasado em miseravel abjecção. Os dois irmãos Quintero, com inimitavel sal andaluz, que é mais refinado que a salmoira Attica, e suas correctissimas produções, levantaram extraordinariamente o nivel do tablado hespanhol, e a luz da ribalta illumina por vezes typos de nobreza e de virtude com gracil belleza apresentados.

Fazer assim... vencer o inimigo no proprio terreno onde nos ataca, e contribuir com essa victoria para o levantamento moral do povo, é obra que pode fazer a intelligencia catholica escrevendo para o theatro, escrevendo romances. O labor é mais facil do que á primeira vista nos parece.

Fizeram assim os Quintero, e crearam escola, e tambem admiradores como os que ha dias deram o nome dos dois dramaturgos a um theatro de novo edificado e que lhes ostenta, á bocca do proscenio, os retratos, em dois formosos medalhões.

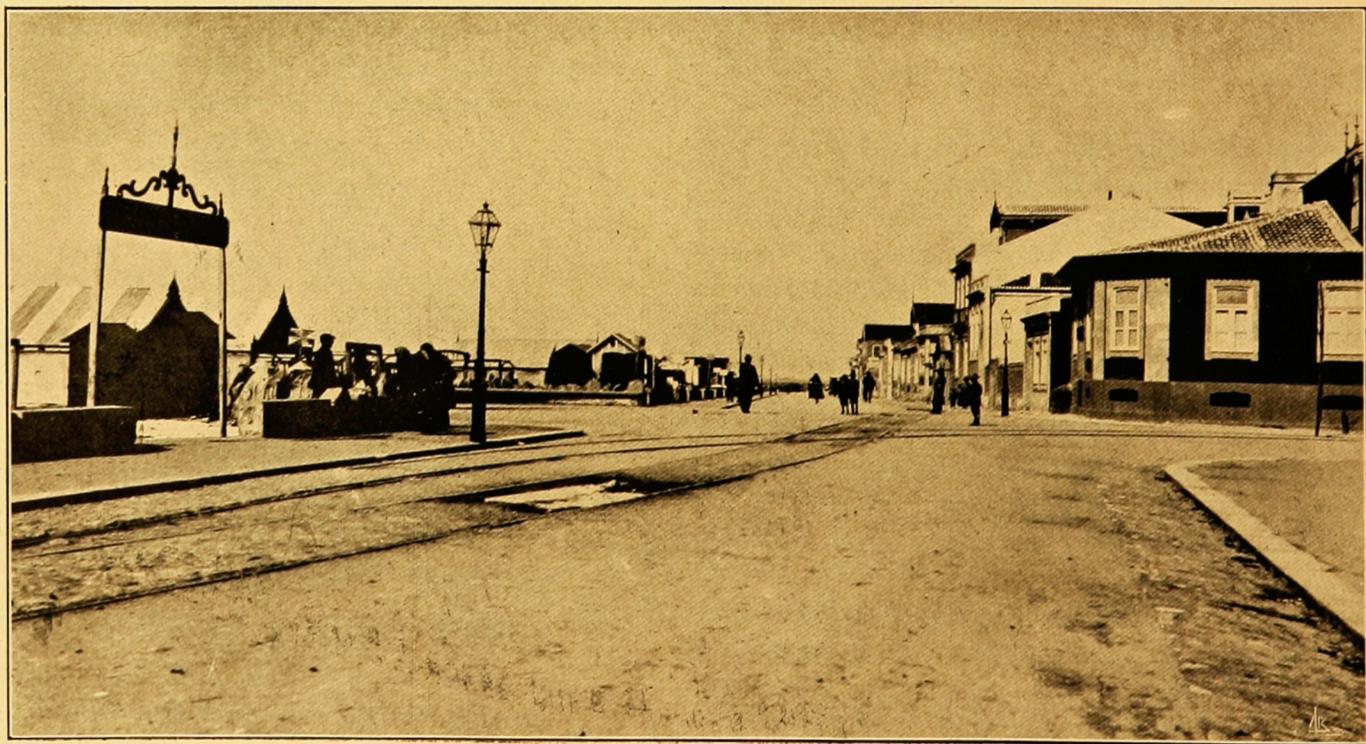
No dia da inauguração leu-se n'elle uma poesia bellissima dos dois irmãos, cujo *post-scriptum* interessantissimo, dizia assim, traduzido ao idioma nosso:

Post data — Se chega um dia
No qual o ar d'esta scena,
Rarefaz ou envenena
Quer licença, ou grosseria;
Não cause admiração
Se, correctos e sensatos,
Os dois modestos retratos
Fugirem do medalhão.

S. e J. ALVAREZ QUINTERO.

Bonito pensamento e optimas disposições. Oxalá o exemplo fructificasse em nossa patria, e tivessemos no theatro e no romance, como hoje já está na imprensa, a *litteratura ao serviço do bem*.

R. C.



POVOA DE VARZIM—Rua dos Banhos



POEMAS PEQUENINOS

A Filha de Jairo

(INÉDITO)

O Mestre sobre a barca arenga às massas.

*Escutam-no os Hebreus de varias raças,
sobre os montes a pique e nos relvados,
extaticos, attonitos, calados,
na outra margem do lago ao pé do rio.
— firmes, de pé, ao sol, ao vento, ao frio.*

Seu olhar, ora é mudo, ora interroga.

*N'isto certo varão, Chefe da Synagoga,
por nome Jairo, homem de sãos conselhos,
chega ao Rabbi e beija-lhe os joelhos.
«Dize, a que vens?»*

Diz gravemente o Mestre.

*Rabbi—geme elle—o meu fallar silvestre
não te pôde esboçar nem dar a ideia
da angustia atroz de que minha alma é cheia!...
Tenho uma filha tenra e tamanina,
tão mimalha e gentil, mas tão franzina,
com tal fragil viçor, tão roseo brilho
como um clarão da Aurora n'um junquillo.*

*Se solta um ai—minha alma está de bruços!
Se adoce—todo eu rompo em soluços!
Pois bem, Rabbi, a minha filha expira!
Toda a gente que a adora e que a admira,
à minha porta está a lastimal-a!
Tudo a chora Rabbi!... Vem tu salva-a,
—pois mal a toques pôr-se-ha em pé!*

*Surprezo o Mestre, então, de tanta fé,
parte com Jairo, os Doze, os Phariseus,
Escribas, Anciãos, todos os seus,
Pedro, João, Thiago, o Iscariotes,
mais toda a plebe, em grupos e magotes.*

*N'isto certa mulher magra e doente
de um fluxo de sangue impertinente,
por detraz toca-lhe a aba do vestido,
dizendo a sós com ella, em tom sumido:
«—Se o consigo tocar fico curada!»*

*E assim foi: pois sentiu-se alliviada,
logo alli do seu mal em continente.
Mas o Mestre voltou-se de repente
com a vista sondando tudo em roda
e pergunta, encarando a turba toda:
«Quem é que a minha tunica ha tocado?...»*

*Um dos Doze, porém, que estava ao lado,
ao Rabbi torna: Santo Mestre aqui
tudo em massa se impelle e agarra a ti;
porque perguntas pois: «Quem me ha tocado?»*

*Mas Elle continuava a olhar calado.
E enfiada a mulher áquelle olhar agudo,
aos pés lhe cae, soluça, narra tudo.
O Mestre, olhando-a, então, piedoso e grave
lhe diz com essa voz que é mais suave
que o Lyz de Jerichó e a estrella d'alva:
«—Estás sã, minha filha! A fé te salva!»*

*Discursava ainda assim d'esta maneira,
quando de Jairo os servos em carreira
lhe clamam: «Deixa em paz o bom Rabbi
«A tua filha é morta.» E um grita: Eu vi!
O olhar do pobre Pae soluça e roga.
Jesus lhe diz: Chefe da Synagoga!
Que isto não te acobarde, honrado amigo!
—Continúa a ter fé e vem commigo.*

*Em segui-la elle prohibe á turba uivante
que caminhe com elle mais adeante,
e o mesmo diz aos que eram junto ao lago,
—excepto a Jairo, João, Pedro, Thiago.*

*Chegados finalmente á moradia,
eis se escuta uma extranha vozeria
dos visinhos postados junto á porta,
em gritos, ais, soluços, pela morta.*

*O Rabbi entra emfim e diz ás gentes:
Porque são tantos gritos estridentes,
tantos gemidos, ais, tal desp'rança?...
A joven não morreu. Dorme, descansa.*

*Ouvido isto, cem boccas depravadas
desataram a rir ás casquinadas.*

*Ha mil insectos mãos assim na Terra.
Jesus fal-os sahir, a porta cerra,
penetra pela alcova da finada,
mais os paes e a familia desolada,
e diz, tomando a mão da pequenina:
«—Eu t'o ordeno! Levanta-te, menina!»*

*E eis logo a irmã gentil das acuçenas,
roseo botão, com doze annos apenas...
pela mão do Rabbi se ergue e caminha,
como ensaia seu vôo uma andorinha.*

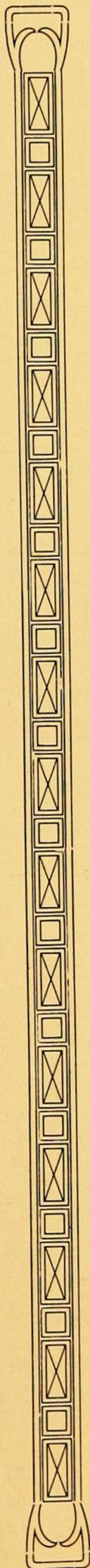
*Quem poderá contar o riso e o pranto,
dos paes, de todos, seu suave espanto?...*

*Como quem vae do inferno ao Paraizo,
e fica tão gostoso e enternecido,
ora a rir e a chorar, quasi sem sizo,
extasiada a face, a alma, o olhar,
egual quadro se viu bem parecido,
bem commovente, terno, singular!*

*Quem ha pouco chorava, abriu-se em riso.
Quem ria do Rabbi... pôz-se a chorar.*

11—8—913.

GOMES LEAL.



Sob as azas de um monoplane

(NOTAS D'APOLOGETICA)



ODA a gente se interessa pela aviação: a sympathia que ella inspira é quasi universal. Sabios e ignorantes, francezes e estrangeiros, todos a admiram. Os incredulos... acreditam n'ella, e d'ella gostam, como as Republicas, das visitas de um rei. A aviação permite que uns acclamem o milagre, como a chegada de Affonso XIII, que outros gritem: — viva o rei!

Eu gosto da aviação como toda a gente. N'esta

ave e a sua intelligencia aceita-a como um modelo. D'aqui uma constatação e uma pergunta.

Constatação: — O homem tomou ás aves as azas. Pergunta:—e onde as foram ella buscar?

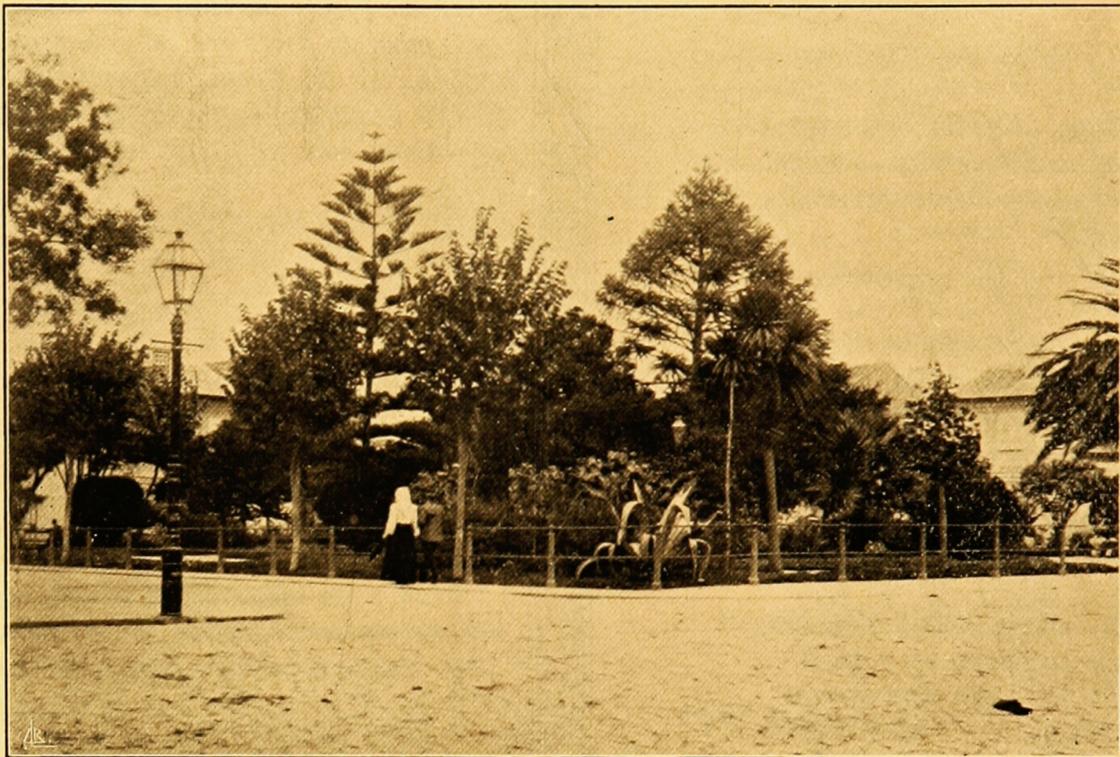
E se é uma obra prima para nós ter creado a aviação, que genio não seria preciso para crear uma ave!...

D'onde é necessario concluir,—ou a ave é infinitamente mais intelligente de que nós, o que não é lisongeador nem verdadeiro, ou alguém existe, infinitamente intelligente, que creou a ave.

Eis o atheismo desmentido!

*

Um outro desmentido dá a aviação: ao *antipatriotismo*.



POVOA DE VARZIM — Praça do Amada

epoca de ferias, achei vagar para me perguntar o motivo d'esta predilecção. A aviação é uma temeridade e tudo o que faz é temerariamente. Não admira, pois, que ainda ella dê um arrogante e ousado desmentido a tres coisas deploraveis, talhadas pela sua helice... como as outras victimas...

São ellas: o atheismo, o anti-patriotismo e o materialismo.

Tantas coisas em *ismo!*... Tentarei desenvolver estes tres pontos sem cahir no... *sermonismo*, nem no *abstraccionismo*.

*

A aviação dá um desmentido ao *atheismo*.

Põe em presença o homem e a ave.

Em primeiro lugar, o homem constatou—o que não era muito difficil — que a ave vóa, enquanto que elle não vóa.

Logo depois, sentiu o desejo de voar. E tratou de enfeitar-se com aquillo que a natureza lhe não fornecêra:—as azas. E alcançou-o...

Ainda não d'uma forma completa, é certo!... O segredo da ave só por metade o conhece, mas já não é como o segredo de Polichinello. A estas horas o homem dedica toda a sua razão ao estudo da

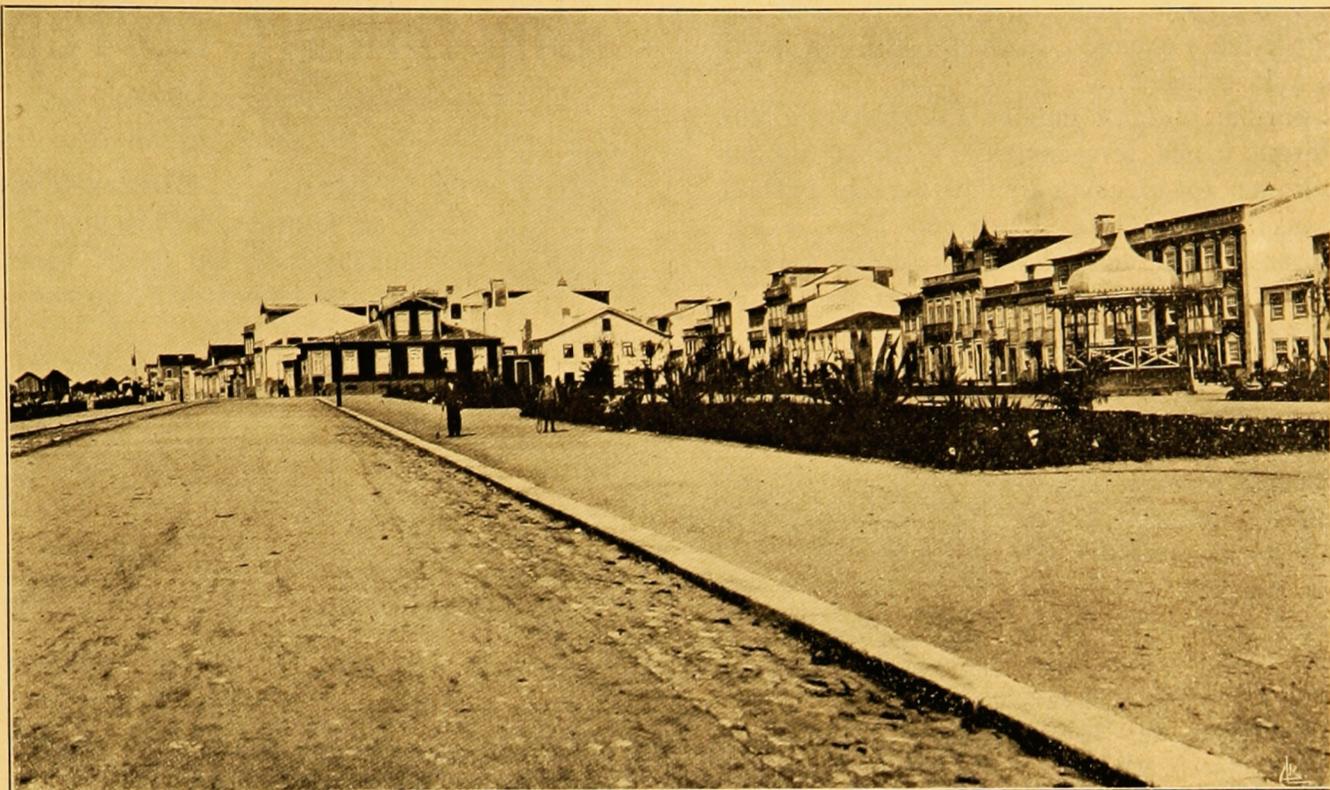
N'estes tempos de internacionalismo, no meio de theorias que apresentam as patrias como invenção malefica, a bandeira como um farrapo, e o exercito como uma praga, a aviação nasceu.

Apparentemente, que deveria ella produzir?

Ao que parece, deveria collaborar com os sempatria: porque, emfim, era utilizada para demonstrar a inutilidade das fronteiras, transmontando-as alegremente, apesar dos seus limites, das sentinelas, dos guardas fiscaes, dos fortes e das metralhadoras. «Não ha patrias sem fronteiras; ora, quanto a fronteiras, bem vedes o caso que faço d'ellas!»

Pois bem: nada d'isto!... E se, especialmente entre nós, ao mesmo tempo que a aviação se eleva, o patriotismo se levanta, não ha n'este facto uma simples coincidencia. A lei da patria é de tal maneira natural que a propria aviação soffre a lei da fronteira. A' hora a que escrevo estas linhas, as nações concertam-se, não para demolir as fronteiras cá de baixo, mas para crear as fronteiras lá de cima. Havia a terra allemã e a terra franceza: d'oravante haverá o ar francez e o ar allemão.





POVOA DE VARZIM — Passeio Alegre

Mais ainda. Com outros elementos que fastidioso seria enumerar aqui, a aviação contribuiu para nos lembrar que uma ferida sangra continuamente no coração da França e, que jaz perto d'ella, um membro amputado, que talvez lhe pudesse ser restituído: a cirurgia faz hoje idênticas maravilhas. O que não ousava pensar-se outr'ora, pensa-se hoje... e a aviação é um exemplo. Tanto mais ciosos somos do nosso legitimo direito, quanto mais meios possuímos, de o fazermos respeitar.

*

O ultimo desmentido da aviação é o *materialismo*.

Por esta palavra entendo eu, sobretudo, esse materialismo pratico, que faz com que o homem, sem negar a sua alma, a si mesmo não inquirir se tem uma, e a rasteje no lodo das necessidades quotidianas quando a não atasque na lama das paixões aviltantes.

Observae, pelo contrario, um campo d'aviação. Tentae, — que não é difficil — adivinhar o que vão pensar actores e espectadores, os *aviadores e o publico*.

Os *aviadores*? Imaginae o que pôde valer aos olhos de quem paira nos ares — e cujo menor desvio pôde causar a morte — as discussões puramente politicas, as luctas entre radicaes e socialistas, as guerras do Alecrim e da Mangerona, as pequenas e multiplices combinações do arrivismo desenfreado... Lá de cima, como elle vê o homem pequenino!... O Palais-Bourbon parece-lhe minusculo



POVOA DE VARZIM — Capella de N. Senhora das Dôres

castello de cartas... Feliz em respirar um ar mais puro, é com pezar que vê chegar o momento de se pôr em contacto com as nossas pestilencias...

Além d'isto, elle sabe que deve ao publico o



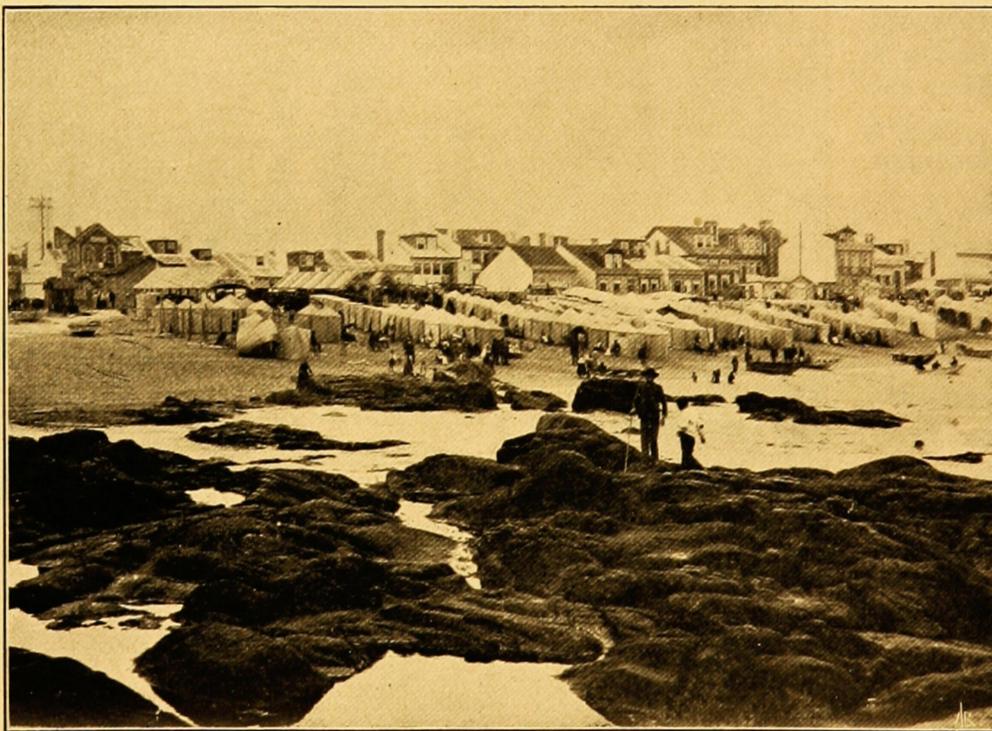
pagamento do espectáculo que lhe está offerecendo... deve-lhe o exemplo do sangue frio, da pertinacia, e da coragem...

E por fim, obriga o publico a olhar para o alto.

Porque è esta, forçosamente, a attitude do publico. Foram aos cinematographos durante a estada de Affonso XIII em Paris? Viram, nos films, o campo de Buc? Todos, desde o mais pequeno soldado até ao presidente da republica e ao rei de Hespanha, todos olhavam... para o céu!

E esta posição é benéfica para o homem. Tantas coisas nos convidam a olhar para a terra! Deus, todavia, creou-nos para olharmos para o céu: a posição vertical é nossa — e sómente nossa — e os nossos olhos foram accêssos para fitarem o firmamento... Ora, é precisamente isto o que o aviador nos obriga a fazer: *excelsior, mais alto*, é a sua divisa, e elle nol-a impõe a todos. E á força de tanto olharmos para o alto, acabaremos por lembrar muitas vezes e melhor comprehendemos aquella phrase de Santo Agostinho: «Como a terra me parece feia, quando contemplo o céu!...»

DUPLESSY.



POVOA DE VARZIM — Um aspecto da praia

N'um café:

— Não ha coisa como a gymnastica para a saúde; duplica as forças e alarga a vida.

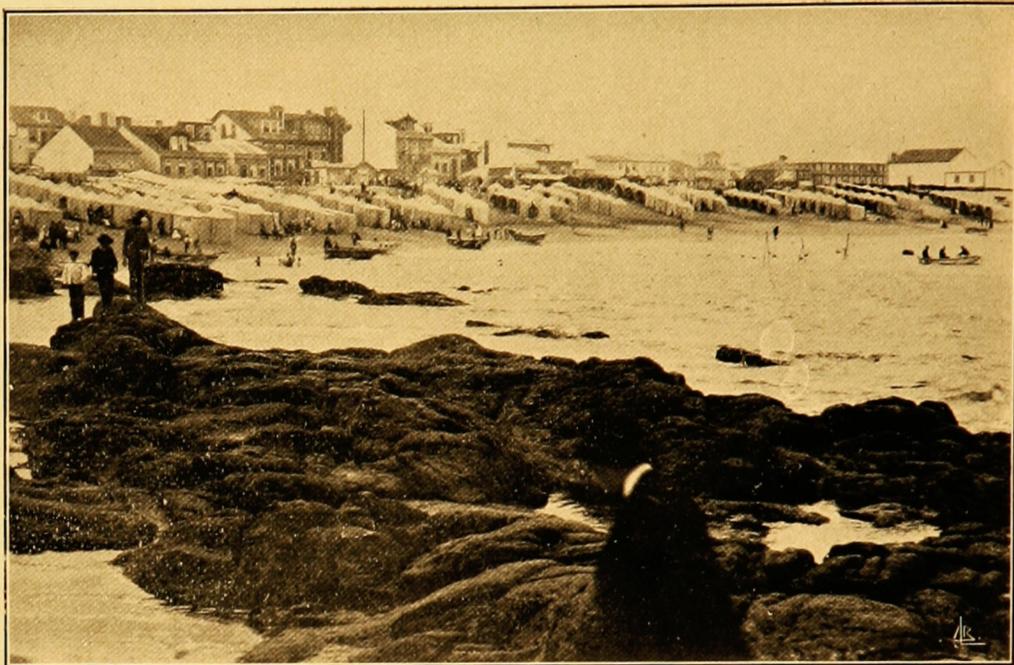
— Mas nossos avós não faziam gymnastica e não obstante...

— E' verdade que a não faziam, mas bem vê como já lá vão todos.

Um milagre do Papa

N

O dia 5 d'este mez, no *Bureau de Constata-tions*, em Lourdes, entrava uma senhora acompanhada de um joven, figura meditativa, de adolescente que vae perseguindo um sonho intimo e doce.



POVOA DE VARZIM — A praia dos banhos

Era a sr.^a Beaumont e seu filho Godofrêdo, de 22 annos.

O Dr. Boissarie ergueu-se da sua cadeira, veio ao encontro d'elles, e, voltando-se para os assistentes, não occultando a commoção que sentia, apresentou:

— «Vemos todos os dias miraculados de Lourdes. Eis aqui um miraculado do Papa.»

Sollicitada pela extranha curiosidade dos presentes a sr.^a Beaumont contou a historia do milagre operado por Pio X sobre seu filho:

«Tinha este 3 annos e meio quando abcessos lhe perfuraram os tympanos. Oti-te media muito dolorosa que o prostraria enfermo para sempre a despeito dos tra-

tamentos de muitos especialistas. Os tympanos haviam-se reformado, mas cobertos de nodosidades, de cicatrises: os ossiculos ankylosados recusavam-se a funcionar. Já nada esperavam os medicos. Um d'elles aventou um dia a ideia de uma operação. A mãe desolada, pediu-lhe esclarecimentos. E o proprio medico hesitava.



— Minha senhora, é preciso trepanar para libertar os ossículos, e ainda assim o resultado é *dubiativo*.

A família multiplicava as peregrinações a Lourdes, quasi annualmente. Ainda em 1912 por lá veio, sem resultado, ao regressar de Salies de Bearn. O joven, sombrio, desesperançava-se, rezando sempre. Quiz ir a Roma com a peregrinação de agosto-setembro 1912, conduzida pelo P. Garnier. Os seus companheiros de viagem notaram aquelle moço, sofrendo, silencioso, que não queria mostrar a sua enfermidade e a espaços trocava raros monosyllabos

lam abandonar a Cidade Eterna, quando a 10 de setembro, ás 11 horas da manhã, um favor providencial lhes permittiu haverem dois cartões para uma audiencia particular. Tomaram logar, com outros doze privilegiados na sala das recepções, contigua ao gabinete de trabalho de Sua Santidade.

O Santo Padre appareceu, e, rapidamente, passou por deante do semi-circulo dos seus felizes visitantes, escutando cada supplica, abençoando-os.

O Papa chegou junto da sr.^a Beaumont.

— Santo Padre, abençoe a minha familia e cure o meu filho, disse a mãe, emocionada.



POVOA DE VARZIM—Sahindo para a pesca

com sua mãe, desditosa, cercando-o de mil ternuras.

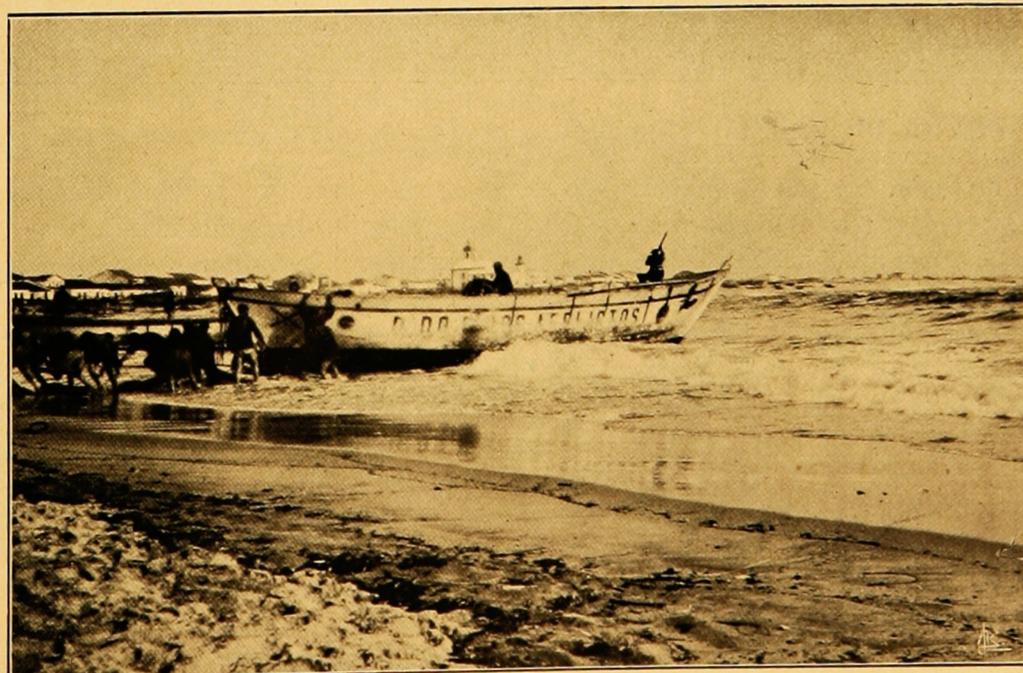
O doente e sua mãe tinham fé no poder das Chaves da Igreja, no poder do Papa e da Virgem Maria que ambos iam invocar. Prostraram-se sob a benção pontificia, na recepção geral dos peregrinos de França; mas nenhuma melhoria vieram recompenhar a sua fervente esperança!...

Olhou-a o Pontifice, n'um olhar ineffavel de bondade, deu-lhe o anel a beijar e passou adeante.

— Santo Padre, dignae-vos curar-me, supplicou o joven, ajoelhado deante d'elle.

E o Papa parou para lhe perguntar em francez:

— Tens fé?



POVOA DE VARZIM—Voltando da pesca

Pio X fallára a meia voz. O doente não o ouvia. A mãe respondeu por elle.

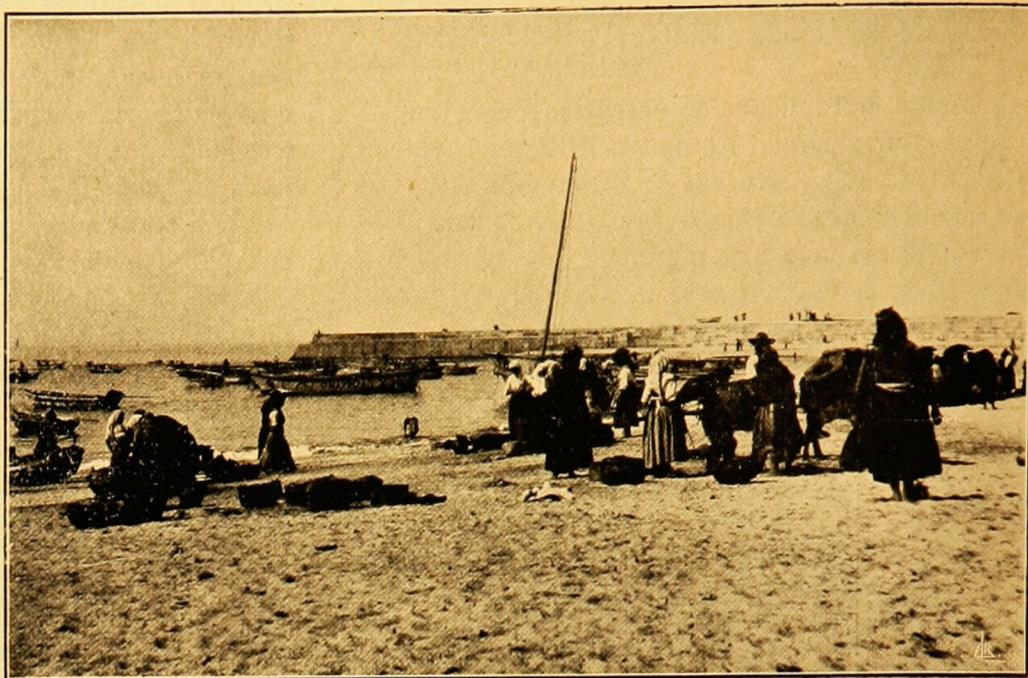
—Sim, Santo Padre, temos fé.

Pio X, recuára um passo. Ignorava a doença do rapaz. Tocou por tres vezes a fronte do joven de Beaumont murmurando.

—Sim... sim... sim...

Já Sua Santidade abençoava um outro assistente. Os fieis presentes nada ouviram d'este curto dialogo. Apenas o P. Garnier se espantára com a demora um pouco maior do Papa deante da mãe e do filho.

Godofrêdo de Beaumont, esse, ouviu distincta-



POVOA DE VARZIM—O mercado do peixe



POVOA DE VARZIM—Tomando o banho (Clichés de J. Carlos R. Almeida)

mente os tres *sim* do Papa. E o seu reconhecimento silencioso fundiu-se em lagrimas d'alegria. Sua mãe, porém, nada percebe, e quando Sua Santidade desapareceu ella ainda para elle estende os braços supplices intercedendo por seu filho.

Desolada, volta-se para este, mas vê jubilo no seu olhar. «Estou curado!»— diz-lhe elle, e ambos partem, levando no coração um hossanah d'acções de graças.

O ultimo especialista que tratára Godofrêdo de Beaumont examina-o apoz o regresso. Constata que o poder auditivo de cada ouvido, precedentemente desigual, permanece desigual, mas duplicou d'um e d'outro lado. Ainda faz outra constatação importante. Os tympanos continuam no mesmo estado, os

ossiculos sempre ankylosados, e no entanto a audição melhorou nitidamente. E' o facto frequente de Lourdes: a lesão persiste, mas a função restabelece-se.

O cardeal Andrien quer ver o moço curado. Este, com o seu abbade accedeu aos desejos do Prelado, que o interroga :

—Então, sr. abbade, constatou de facto algumas melhoras?

—Oh! Eminencia, para o confessar, era preciso fechar todas as portas da sacristia, gritar, e nem assim estava seguro de que elle me ouvisse.

—E agora ?

—Agora, confessa-se como toda a gente.

Eis a narrativa da sr.^a de Beaumont, simples



como o amor maternal, fervoroso como elle. E' a narração da verdade.

E porque o é, nós repetiremos a prece da

Egreja :

Dominum conservet eum et vivificet eum!...

PRAIAS PORTUGUEZAS == A POVOA DE VARZIM

Grande copia de photographias da risonha praia da Povoia, a predilecta dos banhistas do norte, podiam dispensar-nos da banalidade de umas palavras elogiosas, que tem fatalmente que ser banaes, por mais rendilhadas que queriamos fazel-as, tocando-a da nivea espuma que se enrola nos recifes poveiros como gracil-manto de arminho.

Ao contrario de outras terras que se mantem n'uma estiolisadora conservação de velhos habitos, respeitaveis aliás, a Povoia de Varzim tem progredido e se tornou uma praia moderna e luxuosa que já não fica mal collocada ao compararmo-la com as elegantissimas de Ostende, San Sebastião e Nice. E o que esses e outros grandes centros europeus ganham no luxo capitoso, o perdem na expressão de belleza natural, e tranquillidade beatifica que exornam todos os recantos d'este Portugal tão lindo.

Não ha praia portugueza, (e Portugal é todo elle uma extensa praia) que não tenha bellezas e encantos; mas a Povoia de Varzim tem entre as

companheiras um lugar de distincção, tão recheada é de panoramas formosissimos, e de expressões peculiares e muito mais da belleza.

A Povoia de Varzim bem merece a predilecção dos banhistas, e bem na merece a dedicação dos seus filhos, concorrendo á com-pita para engrinaldar cada anno a sua terra com novos melhoramentos.

São eloquentes são as photographias que enserimos, tambem não é mysterio para ninguem que tenha, com um anno de intervalo, visitado a encantadora Povoia de Varzim.

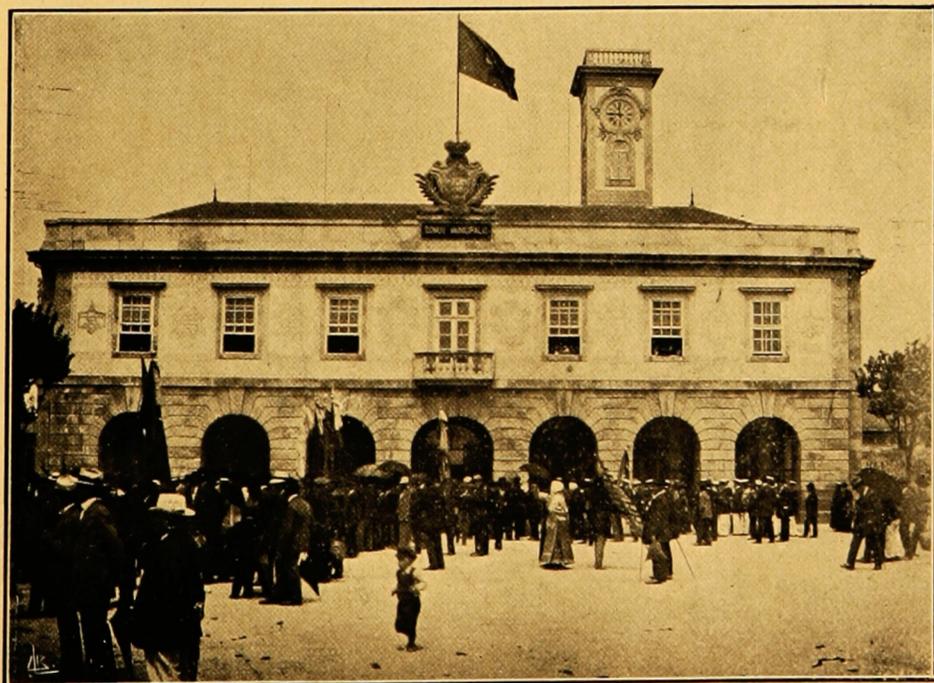
A construcção de novos edificios, a abertura de largas ruas dá á villa um cunho accentuado de elegancia, que muito bem lhe fica e alinda o seu aspecto.

Depois, n'estes mezes da estação calmosa, quando a frescura das ondas convida a aspirar a plenos haustos as brisas marinhas, a Povoia acena-nos como uma miragem de sonho attrahindo para ella, suavemente as populações cidadinas.



A excursão d'Aveiro á Povoia de Varzim

Os excursionistas dirigindo-se para os Paços do Concelho onde receberam os cumprimentos de boas vindas.



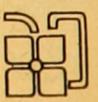
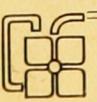
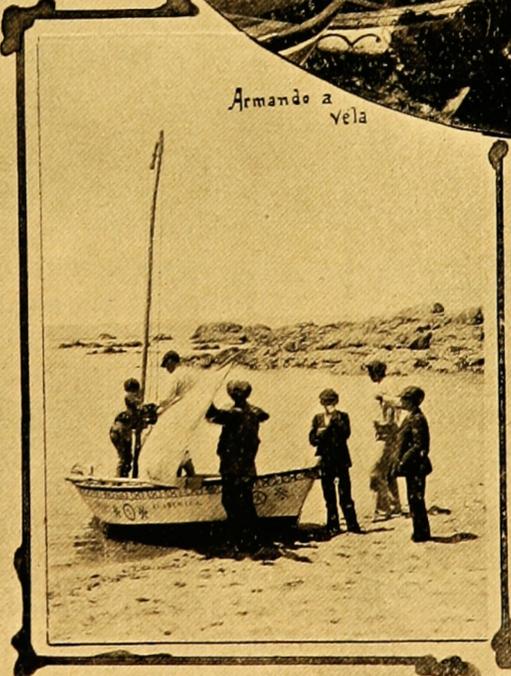
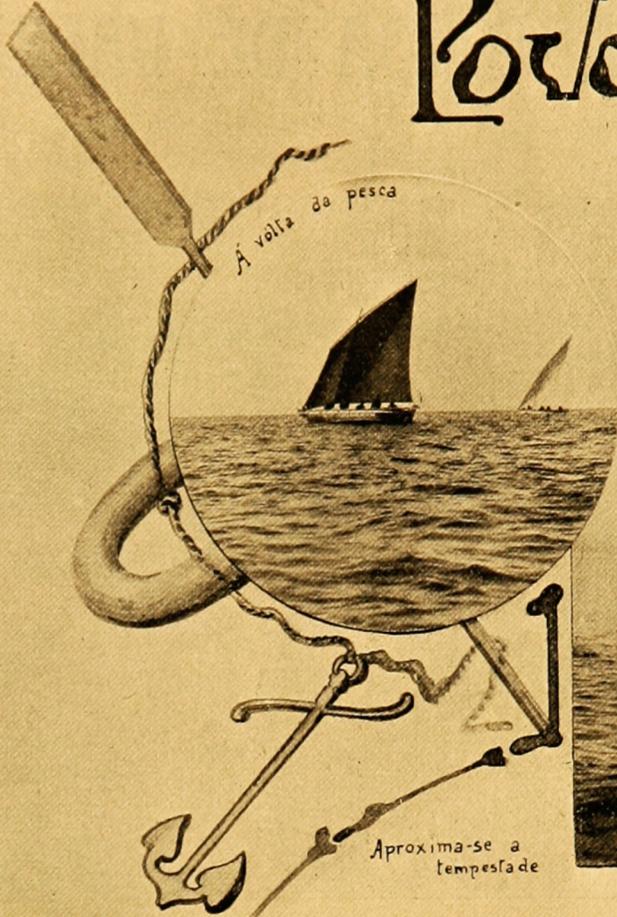
A excursão d'Aveiro á Povoia de Varzim

O desfile dos excursionistas na Praça do Almada

(Clichés do rev. Aurelio de Faria.)

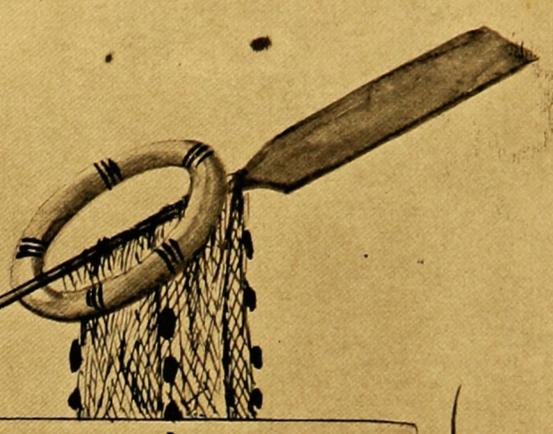


Boia de Varzim

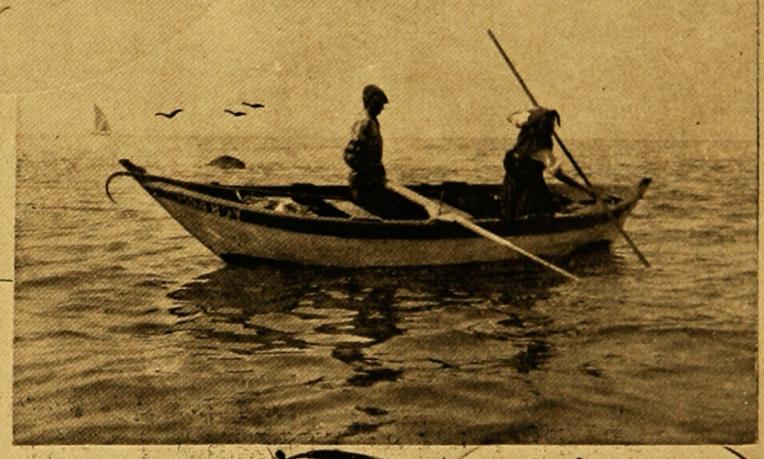




No toldo depois do Almoço



Ao argão depois do sol posto



Passeio de barco



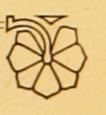
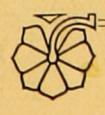
As vagas.



No banho



(Clichês de Rebello Junior.)



PORTO-Uma festa na Foz do Douro



A igreja parochial de S. João da Foz onde se realizou a festividade

Com uma numerosa e distincta assistencia realisou-se no passado domingo, 10 do corrente, uma sympathica festa na igreja parochial de S. João da Foz do Douro, a primeira ali celebrada depois que aquelle templo foi restituído ao culto catholico.

De manhã realisou-se a tocante cerimonia da primeira comunhão a um grande numero de creanças devidamente preparadas para este acto religioso, seguindo-se a festa ao «Corpus



Sahindo da festa

Compõe-no um viatorio de cotim escuro, com gola voltada avivada de roxo. Calça de panno equal, por terem montada, presa nas botas. No chapéu igualmente avivado de roxo-violeta as armas do Imperio e uma cruz, em esmalte.

No braço esquerdo, a braçadeira da Cruz-Vermelha. Uma cruz peitoral de ouro fica presa a uma cadeia. Além d'isso, os capellães catholicos trazem a estola roxa nas marchas e no campo de batalha.

Dando a conhecer esta curiosa determinação não queremos deixar de fazer notar que a Allemanha protestante sustenta e muito honrosamente um corpo de capellães *catholicos*.

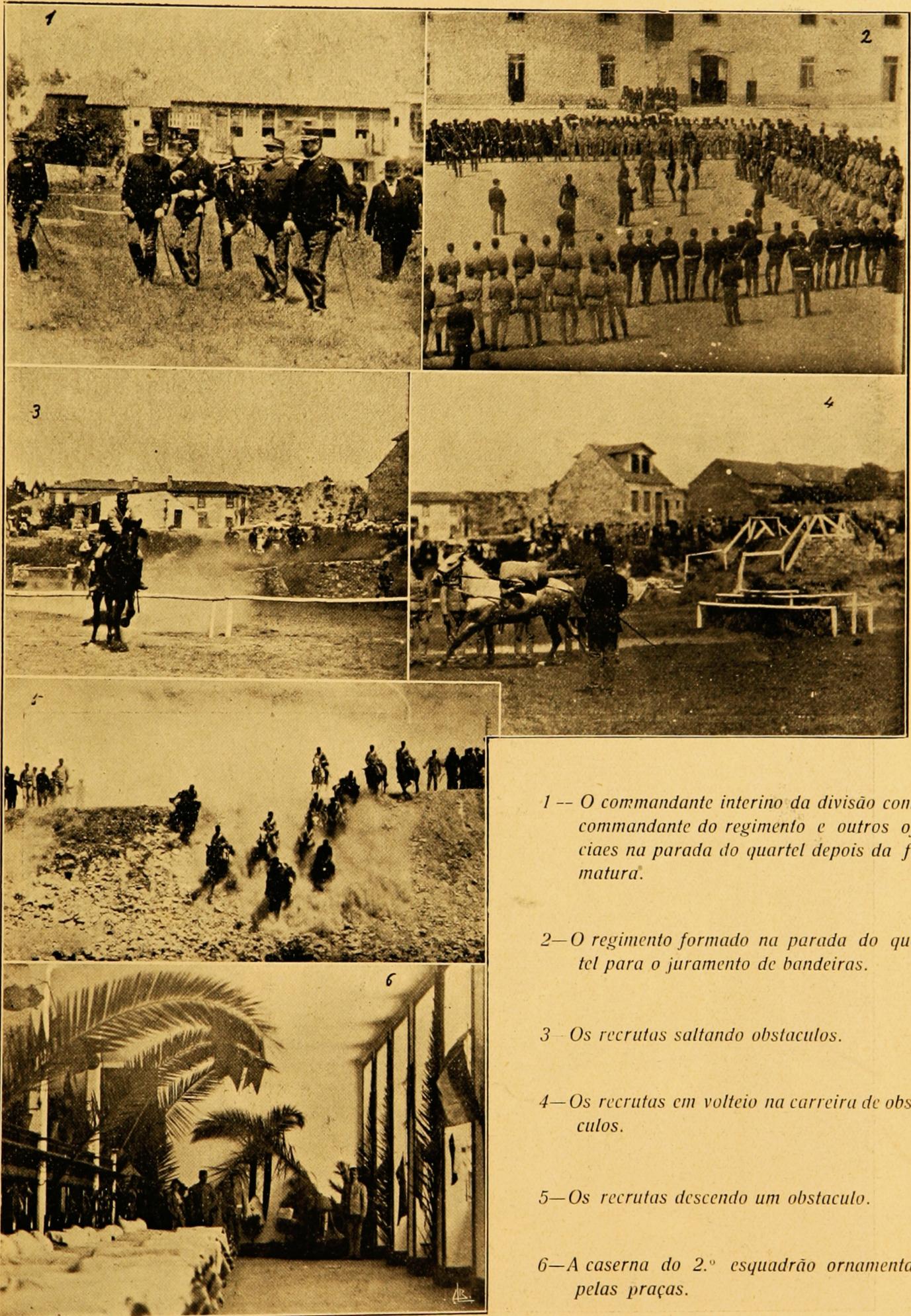


O Snr. Bispo do Algarve sahindo da igreja

(Clichés de J. Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)



PORTO. O regimento de cavallaria 9 em festa



1 -- O commandante interino da divisão com o commandante do regimento e outros officiaes na parada do quartel depois da formatura.

2--O regimento formado na parada do quartel para o juramento de bandeiras.

3--Os recrutas saltando obstaculos.

4--Os recrutas em volteio na carreira de obstaculos.

5--Os recrutas descendo um obstaculo.

6--A caserna do 2.º esquadrão ornamentada pelas praças.



NOZAS DO ESTRANGEIRO

BARCELONA. — Associação do Menino Jesus de Praga



Meninas fabricando os enxovaes.

Esta instituição fundada em 1904 tem quasi por fim exclusivo fazer enxovaes para meninos pobres recém-nascidos.

E' dirigida por uma junta de senhoras e

tem organizado um coro de meninas que se dedicam a costurar para os pobres, administrando-lhes tambem o ensino da doutrina christã.



Vestindo um dos protegidos da casa.

